



RESENHA

LU Zhouxiang. *A History of Shaolin: Buddhism, Kung Fu and Identity*. Routledge: 2019 (2020), 293 pp. (ISBN 13: 978-0-367-66039-0 nbk / 13: 978-0-367-20460-0 hbk)

*Rodrigo Wolff Apolloni**

Nas últimas cinco décadas, desde o advento de uma “cultura Kung-Fu” que teve como anunciadores e expoentes máximos figuras como Bruce Lee, Jet Li, Jackie Chan e David Carradine, o Ocidente recepcionou a figura do guerreiro chinês e, especialmente, a do chamado “monge boxeador”, normalmente associado ao mosteiro budista de Shaolin, fundado por volta de 495 EC em Henan, China. Um personagem que, antes de chegar às telas do cinema, tevês e jogos eletrônicos, já fazia parte do conjunto de referências simbólicas dos praticantes de artes marciais chinesas, inclusive no Brasil.

Esses monges, devotos do budismo mahayana da escola Chan e especialistas nas artes de guerra com e sem armas, representam um paradoxo apaixonante e uma figura de enorme poder simbólico. Personagens que encontram lugar na tradição religiosa budista e, ao mesmo tempo, reinam soberanos nas narrativas marciais chinesas desde o século XVI (no declínio da Dinastia Ming).

Shaolin é, também, um protagonista cultural sínico global de peso: em 2018, o nome apareceu no topo da lista das cem palavras chinesas mais reconhecidas em países anglófonos, divulgada pela China International Publishing Group (CIPG), organização editorial do governo da República Popular da China. Além disso, em 2010 o complexo do mosteiro foi incorporado à lista do Patrimônio da Humanidade da UNESCO.

Curiosamente, porém, o conjunto temático associado ao mosteiro e a seus personagens ainda encontra pouco espaço no universo acadêmico ocidental, inclusive no campo da Ciência da Religião. Nos últimos vinte anos, apenas um livro acadêmico de fôlego sobre os monges e suas conexões com a prática religiosa, a violência, a marcialidade e a história chinesa foi lançado no Ocidente – na verdade, foi o primeiro a abordar o tema nesta porção do planeta.

Falamos de *The Shaolin Monastery: History, Religion, and the Chinese Martial Arts* (2008), escrito pelo professor Meir Shabar, sinólogo da Universidade de Tel-Aviv, e publicado pela Editora da Universidade do Havaí. A obra foi lançada no Brasil em 2011 com o título “O Mosteiro de Shaolin: história, religião e as artes marciais chinesas”.

* Professor dos cursos de Publicidade e Jornalismo do UNIOPET (Curitiba-PR). Doutor em Sociologia (UFPR). ORCID: 0000-0003-3233-2985 – contato: rwapolloni@gmail.com

Esse, por si, já seria um bom motivo para olharmos com atenção para “A History of Shaolin – Buddhism, Kung Fu and Identity”, escrito por Lu Zhouxiang, professor de Estudos Chineses e conferencista (*lecturer*) na Escola de Linguagens Modernas, Literaturas e Culturas da Universidade Nacional da Irlanda Maynooth.

O livro, escrito em 2019 e lançado em setembro de 2020 pela Editora Routledge dentro da série “*Routledge Studies in Cultural History*”, se propõe a examinar o mosteiro e os monges de Shaolin sob uma perspectiva histórico-cronológica que parte de suas etapas iniciais, no século V EC, até sua reabertura sob os auspícios do período de reformas inaugurado por Deng Xiaoping, no início dos anos oitenta do século passado. Lu Zhouxiang, vale observar, é um especialista na análise da relação entre política e práticas corporais/desportivas chinesas, especialmente nos períodos mais recentes da história.

Na Introdução, o autor indica o espectro de sua obra. Ele reconhece o pioneirismo da obra de Shahar, destacando, porém, carências que se propõe a suprir. Em termos históricos, observa Li, o pesquisador da universidade de Tel-Aviv focou Shaolin no período dinástico, centrando sua atenção especialmente nas dinastias Ming e Qing (1368 a 1912), quando o caráter marcial se sobrepôs fortemente ao religioso nas representações do mosteiro e de seus componentes. Shahar oferece, por exemplo, uma apresentação poderosa da “tropa monástica” de Shaolin que, em meados do século XVI, foi convocada pelo governo Ming para participar de campanhas antipirataria fluvial nas províncias de Zhejiang e Henan.

É nesse momento, vale observar, que um mito de criação associado a Shaolin ganha força entre grupos rebeldes que viriam a constituir as chamadas “tríades” (*Tiandihui*), sociedades secretas e subversivas de imenso poder, associadas à atual máfia chinesa. É o período, também, de construção de uma tradição marcial literária, de manuais descritivos das técnicas guerreiras dos monges e de sua inclusão na literatura *wuxia*, de aventuras e heróis errantes.

Lu Zhouxiang amplia esse recorte, propondo uma leitura mais detida da história de Shaolin nos períodos dinásticos anteriores a Ming-Qing e no período republicano. E é justamente na análise desta etapa mais recente que reside, em nossa opinião, sua contribuição mais significativa aos estudos da marcialidade chinesa e de suas relações com a religião e a política. Inclusive, porque o autor apresenta uma alternativa a uma narrativa “heroica” e acrítica construída, nos últimos anos, sob os auspícios do próprio governo chinês (como de “O Templo Shaolin no Meu Coração”¹, escrita pelo atual abade do mosteiro, Shi Yongxin).

O autor examina, por exemplo, os dias do mosteiro no conturbado período dos “senhores da guerra”, nos anos vinte do século passado, que culminou com sua destruição em 1928; e dá atenção às relações que se estabeleceram entre o governo da República Popular da China, as artes marciais chinesas, Shaolin e o Kung-Fu/Wushu especialmente a partir de 1952, com a fundação da *All China Sports Federation* (ACSF).

1 YONGXIN, SHI, “O Templo Shaolin no meu Coração”, São Paulo, 1ª edição: Editora Polar, 2017, 232 p. - ISBN 8586775312.

Li aborda os momentos de proximidade, como, por exemplo, o da percepção comunista inicial das artes marciais e das religiões “nacionais” como elemento identitário chinês, e de distanciamento radical, como o experimentado durante a Revolução Cultural, quando o mosteiro de Shaolin e seus parques ocupantes foram atacados.

Para além das situações-limite, porém, o livro também se volta para a complexidade das relações entre governo comunista, as religiões e patrimônio cultural chinês entre os anos cinquenta e setenta, que alternavam e conjugavam medidas protetivas e repressivas.

O autor examina, também, o período mais recente de renascimento demográfico, econômico, religioso e marcial do mosteiro, que se inicia com o declínio da Revolução Cultural. Esse momento, que se acelera com Deng Xiaoping, é marcado, também, pela retomada da atividade religiosa institucional sob as regras de afiliação estatal estabelecidas pelo governo chinês (o autor indica, por exemplo, a existência de 33 mil mosteiros budistas e de cerca de 240 mil monges e monjas vivendo no território chinês em 2012).

Esse reavivamento também levou a um crescimento importante do turismo interno e externo de caráter religioso e cultural. E, no caso de Shaolin, à sua transformação, a partir dos anos noventa, em uma espécie de “Disneylândia Marcial”, para empregar um termo encontrado em uma descrição do site de viagens “Trip Advisor”².

Em outra vertente do estudo, o autor também examina as relações entre Shaolin e o Budismo Chan, que ganharia o Ocidente em sua forma japonesa, o Zen. O tema, vale observar, foi bastante bem tratado por Meir Shahaar, que investigou, entre outros aspectos, as figuras de Bodhidharma (patriarca e figura de proa do budismo Zen) e o mito do espírito tutelar de Shaolin, a divindade guerreira *Vajrapani/Kimnara/Jinnaluo*.

É interessante, porém, notar como Lu Zhouxiang repassa e acrescenta informações sobre esses temas, ampliando os conhecimentos sobre a chegada do Chan à China e a organização da escola e de sua genealogia chinesa, entre outros aspectos. Esse momento do estudo, vale observar, se situa na “expansão anterior” do recorte ampliado pelo autor, ou seja, antes das dinastias Ming-Qing, especialmente no período formativo e inicial do mosteiro de Shaolin.

O livro é dividido em nove capítulos que seguem uma linha cronológica³. Neles, são examinados o período inicial do mosteiro (dinastias do Sul e do Norte e Tang – Cap. 2), as dinastias Sui, Tang, Song e Yuan (Cap. 3), a dinastia Ming (Cap. 4), a dinastia Qing (Cap. 5), o período republicano inicial (Cap. 6), o período comunista sob Mao Zedong (Cap. 7) e o período contemporâneo, a partir de Deng Xiaoping (Cap. 8).

Os capítulos são relativamente curtos (em média, de trinta a quarenta páginas) e podem ser lidos separadamente, como artigos. Os textos são amigáveis, constelam muitas informações e, o mais importante, oferecem referências de primeira qualidade para leitores interessados em expandir seus conhecimentos. A obra também traz uma contribuição iconográfica importante, na medida em que acrescenta mapas, fotos, esquemas e ilustrações ao acervo apresentado por Meir Shahaar em seu livro.

2 “Le Disneyland du Kung fu”, artigo disponível em Trip Advisor, https://www.tripadvisor.fr/ShowUserReviews-g661421-d321197-r471303855-Monastero_Shaolin_Shaolin_Temple-Dengfeng_Henan.html (c. 06.11.20)

3 A Introdução ocupa o primeiro capítulo e a Conclusão, o nono

Um livro que, acreditamos, vai colaborar de forma especial para o segmento dos estudos relacionados à marcialidade chinesa, com expansões para os estudos de história da Ásia/China, religiões orientais e budismo. No caso específico da Ciência da Religião, a obra pode ser uma fonte relevante para várias linhas de pesquisa. Vislumbramos possibilidades em estudos que associem religião, política e violência, que investiguem a violência no seio do Budismo, que analisem as relações entre religião e Estado na China dinástica e contemporânea ou que trabalhem com o tema peregrinações, religião e turismo.

Recebido: 29/09/2020

Aprovado: 16/10/2020

Editor: Eduardo Cruz